

## **APRESENTAÇÃO**

Já tive a oportunidade de escrever que apresentar ou prefaciar uma obra é antes de tudo uma honra, um privilégio e também uma grande responsabilidade. Trata-se de uma honra porque é o prenúncio de que o autor confia no apresentador, e o que escrevemos, decerto, poderá até ajudar a atizar a curiosidade para a publicação. É um privilégio porque, pelo menos em tese, a gente lê a obra antes de qualquer outro mortal que não tenha sido o autor dela. É também uma imensa responsabilidade, pois ao apresentador cumpre sempre a tarefa de fazer mapas d'um território alheio, e, pelo menos em tese, o que escrevemos está condenado a ser apreciado "a priori" das produções que integram o livro. Entendo também que pede-se uma apresentação ou prefácio a uma pessoa famosa, ou, então, a um amigo, ainda que não seja famoso. Como eu não me incluo na primeira hipótese, acredito que possa estar incluído na segunda opção.

Depois de publicar "São João d'El-Rey e outras Minas" (2015), Nelson Di Francesco agora nos brinda com outro trabalho de inegável qualidade, o livro "**Oh! Minhas Gerais...**". Trata-se de mais uma obra que vem recheada com carga literária real, com simbolismos, emoções, metáforas pungentes, intertextualidades e muita autenticidade. Como sabemos, a mitologia grega ensina-nos que o canto e a lira de Orpheu eram tão melodiosos que, ao ouvirem-no, até os homens mais brutos e as mais temidas feras repousavam-se aos seus pés mansamente, os rios freavam suas correntezas, os pássaros repousavam-se nas árvores e estas, mansamente, cadenciavam danças procurando curvarem-se para melhor ouvir os sons que o vento trazia... Assim, respeitadas as peculiaridades daquela época, o autor apresentou-me como sendo um novo Orpheu, um escritor que sabe lidar bem com as palavras e através delas consegue fascinar-nos, a exemplo do que aconteceu na Antiguidade Clássica, quando também se renderam à magia do Canto e da Harpa de Orpheu os poetas latinos Virgílio e Ovídio.

E o que faço eu, eterno apaixonado pelas terras mineira e são-joanense, quando leio as produções literárias de Nelson Di Francesco, a quem, com licença postumamente requerida ao poetinha Vinícius de Moraes, ousou chamar de nosso "Orfeu da Conceição"? Ora, comporto-me como os homens e as feras, como os rios, os pássaros e as árvores que um dia ouviram a lira e o canto de Orpheu! Confesso que ao mergulhar profundamente na leitura das produções deste livro, fiquei completamente absorvido e já me peguei tentando evitar que Eurídice – musa que consubstancio nas nossas muitas Minas e nesta mais que tricentenária São João d'El-Rey – não fosse perseguida por Aristeu e que jamais fosse ofendida por serpente alguma ou precipitada naquelas profundezas governadas por Hades.

Estou plenamente convencido de que as crônicas, os contos, os poemas, as frases e as imagens expostas neste livro são como novos Cantos de Orpheu musicados pela lira que ele herdou de Apolo e se apresentam, sob a égide do nosso "Orfeu da Conceição Paulistano", como verdadeiras declarações de amor às Terras Alterosas e, com muito mais precisão, à esta "terra onde os sinos falam". Que nós, mineiros e são-

joanenses, um dia saibamos reconhecer e retribuir à altura tamanhas paixão e generosidade que estão exaradas nestes cantos de graça!

Então, se as pessoas conseguiram ler o que eu escrevi até aqui, estarão muito mais prontas para ler e a se deleitar com a obra de Nelson Di Francesco. A minha missão pode ter até ter sido um tanto quanto inútil, já que o escritor e as suas produções se impõem por si e não necessitam desta espécie de “carta de apresentação”, mas quero que saibam que alegrou-me e honrou-me muito escrever estas linhas, as quais termino com a mais absoluta certeza de que “para matar Orfeu não basta a morte. Tudo morre que nasce e que viveu. Só não morre no mundo a voz de Orfeu.”.

**José Antônio de Ávila Sacramento**

*“Villa de São João d'El-Rey, Minas Geraes”*

Abril de 2016

